

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 20 | Número 1 | Janeiro – Junho 2026
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**ENTRE FRAGMENTOS E INVISIBILIDADES:
A ANÁLISE DE VIDROS LASCADOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PAQUETÁ
(SANTOS/SP) COMO MARCADOR SOCIAL URBANO**

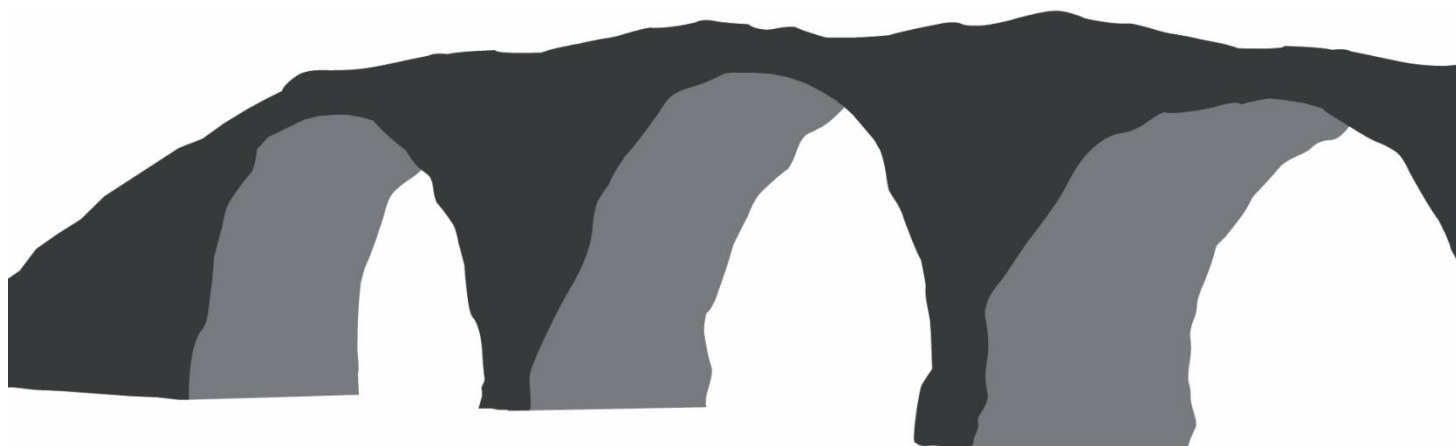
**ENTRE FRAGMENTOS E INVISIBILIDADES:
EL ANÁLISIS DE VIDRIOS ASTILLADOS DEL SITIO ARQUEOLÓGICO
PAQUETÁ (SANTOS/SP) COMO MARCADOR SOCIAL URBANO**

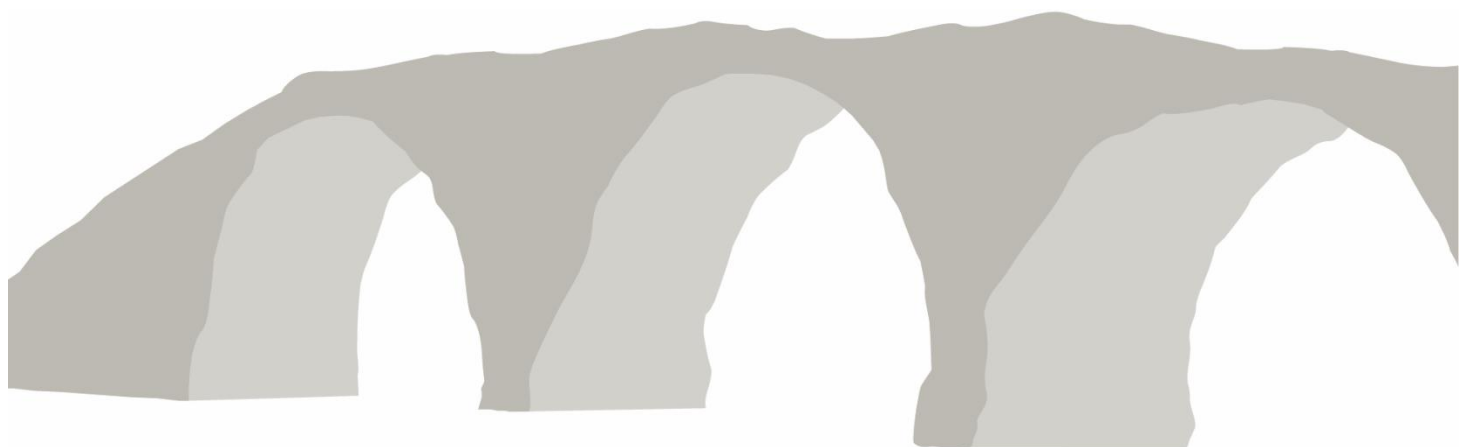
**BETWEEN FRAGMENTS AND INVISIBILITIES:
THE ANALYSIS OF CHIPPED GLASS FROM THE PAQUETÁ
ARCHAEOLOGICAL SITE (SANTOS/SP) AS AN URBAN SOCIAL MARKER**

Marcelo Rolim Manfrini

Lúcia de Jesus Cardoso Juliani

Caroline Rutz





Submetido em 04/09/2025.

Revisado em: 13/12/2025.

Aceito em: 18/12/2025.

Publicado em 29/01/2026.

**ENTRE FRAGMENTOS E INVISIBILIDADES:
A ANÁLISE DE VIDROS LASCADOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PAQUETÁ
(SANTOS/SP) COMO MARCADOR SOCIAL URBANO**

**ENTRE FRAGMENTOS E INVISIBILIDADES:
EL ANÁLISIS DE VIDRIOS ASTILLADOS DEL SITIO ARQUEOLÓGICO
PAQUETÁ (SANTOS/SP) COMO MARCADOR SOCIAL URBANO**

**BETWEEN FRAGMENTS AND INVISIBILITIES:
THE ANALYSIS OF CHIPPED GLASS FROM THE PAQUETÁ
ARCHAEOLOGICAL SITE (SANTOS/SP) AS AN URBAN SOCIAL MARKER**

Marcelo Rolim Manfrini¹

Lúcia de Jesus Cardoso Juliani²

Caroline Rutz³

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da análise de fragmentos vítreos lascados encontrados no sítio arqueológico Paquetá, localizado na cidade de Santos (SP), no contexto do Programa de Monitoramento Arqueológico vinculado ao empreendimento habitacional de interesse social Cohab/Santos I, desenvolvido pela A Lasca Arqueologia. A pesquisa tem como foco a análise tecno-funcional dos vidros lascados, buscando compreendê-los como possíveis expressões materiais de populações historicamente invisibilizadas, especialmente trabalhadores subalternizados e descendentes de africanos escravizados, no processo de urbanização entre o final do século XIX e início do século XX. A investigação se ancora em metodologias inspiradas na análise lítica de suportes e unidades tecno-funcionais aplicadas ao vidro, bem como em abordagens teóricas que articulam materialidade, exclusão social e agência. O artigo propõe que tais artefatos, embora numericamente reduzidos no conjunto geral, constituem importantes vestígios de práticas alternativas e de resistências cotidianas, revelando aspectos negligenciados da história urbana santista.

Palavras-chave: Arqueologia histórica, Vidro lascado, Resistência, Diáspora africana, Arqueologia urbana.

¹ Primeiro-Tenente, Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Arqueólogo da Diretoria de Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Rua Dom Manuel, 15 – Praça XV – Centro. CEP 20090-010 – Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: marcelo.manfrini@marinha.mil.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6118-4419>.

² Mestra em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Sócia-Diretora da A Lasca Arqueologia, R. Alvarenga, 396 – Butantã, São Paulo/SP, 05509-000, Brasil. E-mail: lucia@alascaconsultoria.com.br.

³ Arqueóloga, Mestra em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Av. Roraima n. 1000. Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria/RS. CEP 97105-900, Brasil. E-mail: caroline.rutz@gmail.com.

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados del análisis de fragmentos de vidrio astillado encontrados en el sitio arqueológico Paquetá, ubicado en la ciudad de Santos (SP), en el contexto del Programa de Monitoreo Arqueológico vinculado al emprendimiento habitacional de interés social Cohab/Santos I, desarrollado por A Lasca Arqueologia. La investigación se centra en el análisis técnico-funcional de los vidrios astillados, con el objetivo de comprenderlos como posibles expresiones materiales de poblaciones históricamente invisibilizadas, especialmente trabajadores subalternizados y descendientes de africanos esclavizados, en el proceso de urbanización entre fines del siglo XIX y comienzos del XX. El estudio se apoya en metodologías inspiradas en el análisis lítico, aplicadas al vidrio, así como en enfoques teóricos que articulan materialidad, exclusión social y agencia. El artículo propone que estos artefactos, aunque numéricamente reducidos dentro del conjunto general, constituyen importantes vestigios de prácticas alternativas y resistencias cotidianas, revelando aspectos poco considerados de la historia urbana de Santos.

Palabras clave: Arqueología histórica, Vidrio astillado, Resistencia, Diáspora africana, Arqueología urbana.

ABSTRACT

This article presents the results of the analysis of chipped glass fragments recovered from the Paquetá archaeological site, located in the city of Santos (SP), within the context of the Archaeological Monitoring Program linked to the Cohab/Santos I social housing project, developed by A Lasca Arqueologia. The research focuses on the techno-functional analysis of chipped glass, seeking to understand these materials as possible expressions of historically invisibilized populations, especially subaltern workers and descendants of enslaved Africans, in the process of urbanization between the late 19th and early 20th centuries. The investigation is grounded in methodologies inspired by lithic analysis, applied to glass, as well as in theoretical approaches that articulate materiality, social exclusion, and agency. The article argues that these artifacts, although numerically limited within the overall assemblage, constitute significant traces of alternative practices and everyday forms of resistance, revealing neglected aspects of Santos' urban history.

Keywords: Historical archaeology, Chipped glass, Resistance, African diaspora, Urban archaeology.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa arqueológica tem como escopo a análise de materiais arqueológicos históricos resgatados no sítio arqueológico Paquetá, localizado na área central da cidade de Santos, estado de São Paulo. O sítio foi identificado e resgatado no contexto das ações vinculadas ao Programa de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial do Empreendimento Habitacional de Interesse Social Santos "I", desenvolvido pela A Lasca Arqueologia (A Lasca 2023, 2024).

O presente artigo tem por objetivo investigar e interpretar o conjunto de fragmentos vítreos lascados identificados nas escavações, compreendendo seus processos de produção, uso e descarte, e discutindo como esses artefatos podem ser entendidos como expressões materiais de práticas cotidianas, estratégias de sobrevivência e formas de agência de populações subalternizadas no período pós-abolição. Embora numericamente pouco expressivo no acervo geral (apenas 12 peças em um total de 3.000), este material apresenta um potencial interpretativo significativo, especialmente quando articulado às discussões teóricas relacionadas à criatividade técnica, à reutilização de recursos e às dinâmicas sociais de grupos marginalizados. Propôs-se, assim, que a presença desses artefatos não seja interpretada como mera casualidade ou curiosidade, mas como um vestígio de comportamentos sistemáticos e socialmente situados, indicando a atuação de sujeitos historicamente marginalizados no processo de conformação urbana da cidade de Santos.

A relevância deste estudo se insere no campo mais amplo da Arqueologia Urbana, que tem se consolidado como importante vertente da pesquisa arqueológica contemporânea. A arqueologia urbana permite acessar camadas de ocupação e usos do espaço que muitas vezes são obliteradas pelos processos de urbanização acelerada, revelando dinâmicas sociais complexas e frequentemente negligenciadas pela historiografia tradicional. Neste sentido, o sítio Paquetá oferece uma janela privilegiada para compreender as tensões e contradições da formação urbana santista, especialmente no que diz respeito às relações entre as elites e as populações subalternas.

A Arqueologia Urbana emergiu como disciplina no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, inicialmente caracterizada por uma abordagem reativa de salvamento do patrimônio ameaçado pelo crescimento das cidades, sem uma reflexão profunda sobre os processos urbanos (Salwen, 1982). Esse cenário começou a mudar na década de 1970, quando se passou a evidenciar a necessidade de maior coordenação metodológica e teórica (Garmy, 1999). Foi nesse período que Martin Biddle, com seus trabalhos pioneiros em Winchester, redefiniu a prática, propondo uma “arqueologia da cidade” – ou seja, um estudo integrado do fenômeno urbano em suas múltiplas dimensões temporais, sociais e espaciais (Biddle apud Temiño, 2004). Essa perspectiva influenciou pesquisas posteriores, como as de Staski (1987) na América do Norte, que defendiam uma abordagem sistêmica para entender as dinâmicas urbanas.

A virada para o século XXI trouxe consigo uma diversificação temática e metodológica na Arqueologia Urbana, impulsionada pelos debates da Arqueologia Histórica. Surgiram vertentes como a *Slumland Archaeology*, que busca resgatar as histórias apagadas de grupos marginalizados (Mayne & Murray, 2001), e a *Archaeology of Gender*, que analisa o papel das mulheres na construção do espaço urbano (Wall, 1994). Outro campo relevante é a *Disaster Archaeology*, que aplica métodos arqueológicos para investigar catástrofes históricas e contemporâneas (Gould, 2013). Essas abordagens refletem uma preocupação em tornar a disciplina mais inclusiva e conectada com questões sociais atuais, indo além da mera documentação de vestígios materiais.

Um dos princípios centrais da Arqueologia Urbana é a compreensão da cidade como um sítio arqueológico em constante transformação, onde intervenções humanas e processos naturais se entrelaçam (Schiffer, 1975). Como destaca Carver (2009), o arqueólogo urbano não lida com contextos prontos, mas deve interpretar camadas de ocupação frequentemente perturbadas por construções modernas. Essa complexidade exige técnicas adaptadas, como o uso de maquinário pesado – prática iniciada por Kivett em 1948 em projetos de salvamento arqueológico (Kivett & Metcalf, 1997) e hoje comum em escavações de grande escala (Banks & Czaplicki, 2016).

Desta forma, a Arqueologia Urbana oferece uma visão multifacetada do passado, reunindo fragmentos de diferentes períodos em uma narrativa coerente sobre a evolução das cidades. Trabalhos como os de Staski (1982), Juliani (1996), Souza (2010), Lima (2020) e Tessaro (2022) demonstram como essa disciplina pode iluminar desde processos macroscópicos (expansão territorial e estratificação social) até micro-histórias (cotidiano e resistências).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO DO BAIRRO PAQUETÁ

O bairro do Paquetá passou, ao longo do século XIX, por um processo de valorização vinculado à expansão da malha urbana de Santos, à instalação da ferrovia São Paulo Railway, e à intensificação do comércio portuário. Entre as décadas de 1860 e 1910, o bairro abrigou parte significativa da elite santista, que construiu casarões, clubes e instituições beneficentes. A região era abastecida por bens importados, em sua maioria oriundos de Inglaterra, França, Alemanha e Portugal, como evidenciado pelos selos encontrados em louças, cosméticos e frascos (Pedro, 2010; A Lasca, 2024).

A análise do acervo revelou que maior parte das peças importadas era de origem inglesa, seguida por portuguesa e francesa. Esta distribuição reflete o intenso comércio internacional estabelecido através do porto de Santos, especialmente durante o auge da exportação cafeeira. Entre as marcas mais frequentes estão J&G Meakin (Louças inglesas), com 21 identificações; Opaque de Sarreguemines (Louças francesas), com 10; e Antônio da Rocha Leão (Vinho português), também com 10 identificações (Figura 1).

Esta Santos com conexões europeias, também era uma cidade com uma presença afrodiaspórica significativa, ainda mais por ser conhecida no século XIX como uma cidade com tendências abolicionistas, e diversos movimentos célebres ocorreram na cidade ao longo deste século. Segundo Sandra Ramos (2021):

“José Bonifácio de Andrada e Silva, santista de nascimento, já em 1823 apresentou um projeto de extinção gradual da mão de obra escravizada junto à Assembleia Geral Constituinte. Homens brancos, às vezes “mestiços embranquecidos”, que pertenciam à elite intelectual da cidade, como Xavier da Silveira, Francisco Martins dos Santos, Dr. Alexandre Martins Rodrigues, Joaquim Xavier Pinheiro e Octávio dos Santos solidificavam tais ideias abolicionistas. Ainda segundo Licht (1986), Luiz Gama citou Xavier da Silveira como o “porta bandeira” do movimento abolicionista na província de São Paulo.” (Ramos, 2021, p. 93).

Ainda segundo Sandra Ramos (2021), os escravizados fugidos das fazendas de café do interior de São Paulo chegavam à cidade com o desejo de liberdade pois, além de seu caráter abolicionista, havia grande oferta de trabalho nas atividades portuárias. Sandra traz em seu estudo um mapa onde pode ser vista a quantidade significativa de quilombos que existiam dentro dos limites municipais de Santos.



Figura 1. Exemplo de louça Opague de Sarreguimines coletada (esquerda) e de conjunto de garrafas Antônio da Rocha Leão (direita) Fonte: A Lasca (2024).

Santos gozava da alcunha de “berço da abolição”, diante do forte pensamento abolicionista, da presença dos quilombos e da articulação dos quilombolas, formando assim uma rede de auxílio às fugas de escravizados das fazendas no interior do estado de São Paulo. No entanto, segundo o pesquisador Marcos Augusto Ferreira a partir da sua pesquisa “Memórias Apagadas da Terra da Liberdade” (ver link da citação a seguir), dentre a narrativa do desenvolvimento urbano de Santos alavancado pela exportação do café e pela modernização portuária, a presença negra nesse sucesso ficou esquecida. Segundo Ferreira:

“Negros e negras – os sequestrados no continente africano e os nascidos nesse território (crioulos) – atuaram no cultivo da cana, produção e carregamento do arroz, do açúcar, do café e de outras tantas mercadorias. Subiam e desciam a Serra do Mar com cargas, puxavam as carroças carregadas de produtos, levavam nas costas até barris de excrementos dos seus senhores (os denominados ‘tigres’). E fizeram muito mais. Para além da força física, contribuíram com o poder dos seus conhecimentos sobre metalurgia, técnicas de plantio, cuidados com a floresta, com seus cantos, batuques, danças, capoeiras, culinária, celebrações e narrativas.” (Ferreira, 2021).

Nesse período de mudanças sociais na transição do trabalho escravizado para o trabalho livre houve também um período de crescimento urbano com a construção de casas e palacetes em lugar do sobrado colonial e no dia a dia como um todo. Foi também nesse período de consolidação da burguesia santista que houve o aparecimento dos cortiços e dos bairros populares, juntamente com uma segregação social onde, sem trabalho e moradia, a população negra liberta se viu na rua, muitas vezes com a sua presença sendo criminalizada por

“vadiagem”. Ainda segundo Marcos Ferreira (2021), muitas mulheres e homens retornaram às fazendas do interior como mão-de-obra barata, ou se efetivando nas atividades portuárias muitas vezes disputando vaga com imigrantes europeus vindos para o Brasil por conta de políticas de imigração, incentivados até com a oferta de terras para moradia. No que tange ao trabalho doméstico, muitos ex-escravizados não vislumbraram alternativa a não ser permanecer trabalhando nas residências de seus antigos senhores, recebendo pequenas quantias (Lanna, 1996; Ferreira, 2021).

Ainda segundo Sandra Ramos (2021), os espaços ocupados pela população negra continuaram a ser delimitados pela elite branca santista, onde “o porto e os trabalhos domésticos se efetivaram como destino daqueles a quem a cidade deveria contemplar como cidadãos e abrir os braços para acolhê-los em todos os espaços de sociabilidade” (Ramos, 2021, p. 98).

No entanto, esse cenário foi se alterando ao longo do século XX. A saturação da atividade portuária, os problemas sanitários e a modernização urbana levaram à migração das elites para regiões praianas, como o Gonzaga e o Boqueirão, convertendo o Paquetá progressivamente em uma zona comercial e, mais tarde, em espaço marcado pelo encortiçamento e degradação habitacional (Eskinazi, 2018; Santos, 2008).

O processo de encortiçamento do bairro, conforme demonstrado por Eskinazi (2018), teve início na década de 1950 e se intensificou nas décadas seguintes, transformando completamente o perfil social da região. Este fenômeno reflete um padrão mais amplo de segregação urbana que marcou a formação das cidades brasileiras no século XX (Bonduki, 1998; Villaça, 1998), no qual áreas outrora ocupadas pelas elites foram progressivamente abandonadas e ocupadas por populações de baixa renda.

No levantamento cartográfico realizado, se verificou que entre 1889 e 1894 a área em que se encontra o sítio não apresentava nenhuma edificação construída (Figura 2). Na verdade, todo o trecho do quarteirão que é limítrofe com o Cemitério do Paquetá não apresentava nenhuma edificação. No entanto, havia edificações construídas no restante do quarteirão que se aproximava da Av. Conselheiro Nébias. Além de existirem casas construídas em frente ao terreno tanto na R. Amador Bueno, quanto na Av. São Francisco.

Tal configuração é interessante, pois mostra que já na última década do século XIX, o terreno ainda não estava ocupado. O fato de se localizar entre tantas habitações pode indicar que o local era utilizado como terreno baldio para o descarte de bens das famílias que moravam no entorno.

Com base na datação relativa inferida para o sítio arqueológico Paquetá, pudemos observar que a maior parte dos descartes foi executado entre as décadas de 1880 e 1900 (A Lasca, 2024). Percebeu-se também uma queda da frequência dos vestígios a partir de 1910, o que pode indicar que o local parou de ser utilizado como uma área de descarte. Presume-se que essa queda esteja relacionada com o deslocamento das elites santistas para os bairros Gonzaga e Boqueirão, iniciados nessa época.



Figura 2. Quarteirão delimitado pela Avenida São Francisco, Rua Dr. Cochrane, Rua Amador Bueno e Avenida Conselheiro Nébias, c. 1889-1894, estando o sítio Paquetá delimitado pelo polígono vermelho. Fonte: Carta da cidade de Santos. Mostrando as casas, as divisões de propriedade, as linhas de bondes e os calçamentos. Arquivo Público do Estado de São Paulo/Documentos Cartográficos do ICG. Disponível em: <<https://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa242.htm>>. [cons. 08 jul. 2025].

Um aspecto interessante identificado durante a análise foi a remontagem das peças, onde 23% das louças estavam íntegras ou foram parcialmente remontadas (A Lasca, 2024). Esse percentual é significativo, visto que não se trata de uma lixeira consolidada nos moldes das utilizadas nos séculos XVIII e XIX, onde escava-se um local específico para o descarte de material, que depois era coberto. Nesse caso, os vestígios estavam dispersos no terreno e em profundidades variadas e, frente ao significativo percentual de remontagem, indica que houve pouca alteração na estratigrafia até os dias atuais e que a baixa compactação do terreno, somada ao fato do terreno ter um histórico de ser inundável pelas marés, permitia que as peças não ficassem muito tempo na superfície, estando sujeitas a serem pisoteadas. Essa certa preservação do contexto de deposição pode também ser resultante da construção executada no local que, diante do histórico do bairro, não tardou em ocorrer, provavelmente ainda nas décadas de 1920/1930.

O PROJETO E AS ETAPAS DE CAMPO

O sítio arqueológico Paquetá foi investigado a partir das diretrizes legais de arqueologia preventiva, tendo em vista o licenciamento do empreendimento habitacional de interesse social Cohab/Santos I, situado na Avenida São Francisco. A área de intervenção soma 1.776,14 m², e o empreendimento é composto por diversas unidades residenciais, voltadas à realocação de famílias de baixa renda (A Lasca, 2023, 2024).

As atividades de campo se dividiram entre etapas de salvamento (ocorrida em início de 2023) e de monitoramento arqueológico (entre meados de 2023 e 2024). Durante a fase de salvamento, foram abertas sondagens, trincheiras e unidades de escavação, com peneiramento sistemático e coleta manual dos vestígios.

Já a etapa final do monitoramento consistiu no acompanhamento da escavação das sapatas para a construção da área de lazer e guarita do edifício.

A metodologia empregada no salvamento seguiu os padrões da arqueologia urbana contemporânea, que combina técnicas tradicionais de escavação com abordagens específicas para contextos urbanos complexos, como uso de maquinário durante as etapas de monitoramento. As atividades de salvamento tiveram início pelo mapeamento da frequência de material arqueológico na poligonal previamente delimitada para o sítio Paquetá. Essa avaliação foi realizada por meio da escavação de 18 sondagens, com 50 x 50 cm cada, distribuídas pela área do sítio.

Baseando-se nos resultados obtidos nas 18 sondagens, foram escolhidas 3 áreas de maior interesse para aprofundamento da pesquisa arqueológica. Em uma delas foi escavada uma trincheira medindo 4 x 1 m; em outra, estabeleceu-se uma área de superfície ampla medindo 5 x 5 m (Figura 3), escavada em unidades de 1 x 1 m de forma alternada (“tabuleiro de xadrez”), totalizando 13 unidades de escavação de 1 x 1 m; e na última área foram escavadas quatro unidades de escavação de 1 x 1 m interligadas, posteriormente denominadas conjuntamente como Trincheira 2.



Figura 3. Fotografia da área de superfície ampla escavada. Fonte: A Lasca (2023).

As escavações ocorreram em níveis naturais, sendo o conteúdo sedimentar cuidadosamente peneirado. A partir do momento em que uma camada resultasse negativa, por precaução escavava-se mais cerca de 20 cm

em camada estéril (ou até se atingir o ponto que começasse a minar água), de modo a aferir esterilidade da intervenção.

No total, foram catalogadas cerca de 3.000 peças, com destaque para os conjuntos de louça e vidro, que juntos correspondem à maior parte do acervo. As peças coletadas provêm majoritariamente do final do século XIX e início do XX, com vestígios que indicam um período de descarte concentrado entre 1880 e 1910. Tal concentração dialoga com a ocupação burguesa do bairro à época, antes da progressiva transformação da região em área comercial e, posteriormente, em espaço degradado por processos de encorticação.

OS VIDROS LASCADOS NO SÍTIO PAQUETÁ: TÉCNICA, RESISTÊNCIA E MATERIALIDADE SUBALTERNA

Durante a análise do acervo do sítio arqueológico Paquetá, foram identificadas doze peças vítreas com evidências de lascamentos intencionais, além de uma garrafa com corte controlado e inserção da tampa em seu interior. Estes fragmentos foram classificados com base em metodologias líticas, conforme preconizado por Ruiz (2018), Agostini (2013b), e Symanski e Gomes (2012), que discutem o uso funcional e simbólico do vidro como substituto técnico para ferramentas cortantes entre populações subalternizadas.

Neste sentido, a arqueologia da diáspora africana oferece referenciais potentes para compreender a relevância histórica desses vestígios. Ferramentas de vidro lascado não são apenas testemunhos de técnicas improvisadas; são marcas da agência cultural, da resiliência e da capacidade de reinvenção dos sujeitos urbanos marginalizados. Sua análise demanda não apenas rigor técnico, mas também escuta histórica e compromisso ético com as histórias que se escondem entre fragmentos e invisibilidades.

A análise tecno-funcional se ancorou nos parâmetros estabelecidos por Boëda (2000, 2001) que, seguindo a vertente técnica criada nos anos 1960 (Bordes, 1961; Tixier *et al.* 1980; Leroy-Gourhan, 1990) - em diferenciação à leitura tipológica vigente, estabelece as bases, os conceitos e funda o vocabulário para a avaliação de objetos de pedra lascada enquanto sincronicamente portadores da dimensão técnica e da dimensão funcional.

A dimensão técnica investigada e proposta por esse grupo de autores é imprescindível na medida em que diferentes métodos ou conjuntos de ações técnicas podem levar ao mesmo resultado morfológico, de modo que classificar os objetos em "tipos" de acordo com a sua forma final só alcançaria uma parte do conhecimento contido nos vestígios.

Assim, na leitura de objetos lascados, analisar "como foram feitos" se tornou tão importante quanto "para que serviam". Para subsidiar essa leitura os arqueólogos se apropriaram dos conceitos originalmente etnológicos de Cadeia Operatória e Sistema Técnico (Mauss, 1974; Lemonnier, 1991), pelos quais o gesto técnico é a unidade indivisível de análise, cada ação ocupa um lugar numa sequência prática cujo objetivo é criar uma ferramenta que facilita a interação dos humanos com o ambiente, e uma série de cadeias diferentes são regidas e controladas pelo conjunto do conhecimento técnico dominado por um povo. Acessando atos técnicos, os arqueólogos acessam o que restou de uma cultura em um período e espaço geográfico determinados (Balfet, 1991).

Se Tixier postulou que os objetos lascados se dividem em categorias, como detrito, lasca, núcleo e instrumento (dos quais apenas os instrumentos são o objetivo da cadeia operatória, enquanto os demais são subprodutos de fabricação), foi Boëda quem propôs decompor os instrumentos em ao menos três partes, chamando-as de Unidades Tecno-Funcionais, sendo elas a transformativa (que altera a matéria em contato), a

transmissora (que transmite a energia do movimento) e a preensiva (que estabelece a ligação entre a peça e o corpo humano - geralmente a mão).

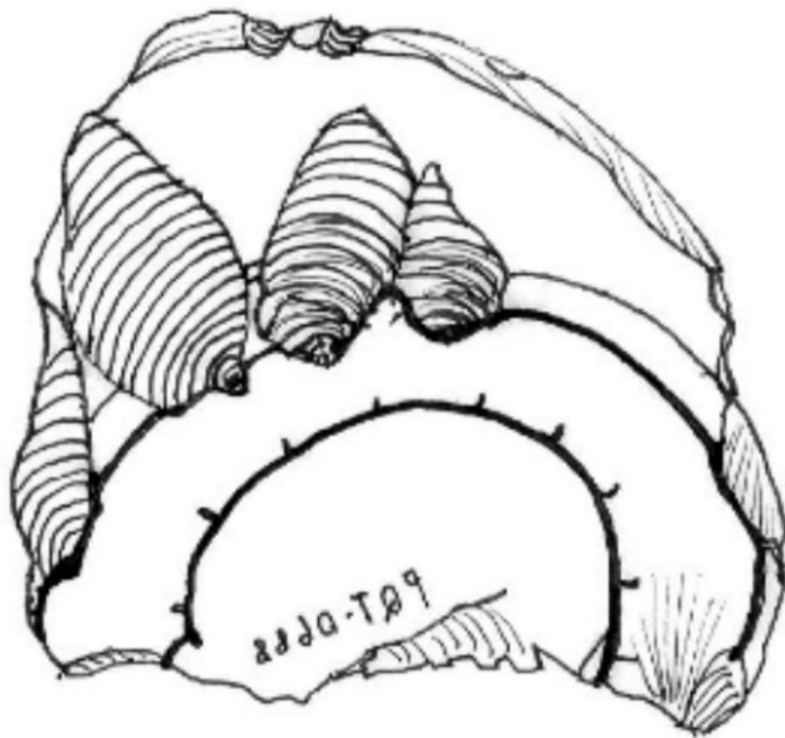


Figura 4. Peça PQT-0688, e o detalhamento das feições em desenho técnico. Fonte: A Lasca (2024), desenho de Caroline Rutz.

Sendo a matéria-prima uma rocha ou fragmentos de vidro encontrados em um terreno baldio, a tecnologia de lascamento pode ser lida da mesma forma, porque é composta de gestos técnicos humanos. No acervo do sítio Paquetá, entre os exemplos mais significativos de tecnologia de lascamento estão dois núcleos de debitação sobre suportes de fundo de garrafa PQT – 0668 e PQT – 2753 (Figuras 4 e 5).

A primeira peça, confeccionada a partir do fundo de uma garrafa âmbar, apresenta quatro retiradas unipolares com negativos variando entre 13 e 31 mm de comprimento, de morfologia alongada e apropriada ao uso manual, ou seja, o fundo de garrafa foi apenas uma matriz de onde se retiraram os fragmentos realmente almejados (as lascas). Como plano de percussão foi utilizado o anel externo do fundo da garrafa e a lateral do corpo do objeto original serviu de plano de debitação. Pelo estado geral do que restou do plano de percussão é possível inferir que os gestos nas quatro debitações foram vigorosos e estilhaçaram parte dos talões das lascas produzidas. Junto com a morfologia dos contra-bulbos, bem marcados, isso pode indicar a utilização de percutor de material duro/denso, que nesse caso de lascamento em período industrial, além de rochas, pode incluir objetos leves de metal, porções de alvenaria e até mesmo peças de porcelana. A técnica utilizada teria sido, portanto, a percussão direta dura. Caso tivessem sido encontradas, as lascas produzidas a partir desse núcleo teriam face externa regularmente curva (parte de fora do corpo da garrafa) e face interna dotada de um proeminente bulbo formado no momento do impacto, com a dispersão concoidal das ondas de choque. No vidro como nas rochas silicosas a força que rompe a matéria, separando pequenas porções de um corpo maior ou partindo um corpo em vários pedaços se dispersa seguindo o cone de Hertz.

A segunda peça, cujo suporte inicial foi um fundo de garrafa verde oliva, exibe duas séries de debitação, o que a converte, tecnicamente, em dois núcleos. Para ambos o plano de percussão utilizado não foi o fundo da garrafa (como no caso anterior) e sim a quebra pré-existente. Aproveitando-se da regularidade dessa quebra, quem escolheu o suporte utilizou a espessura do vidro a seu favor, tornando a debitação mais fácil de obter, podendo ter sido utilizado um percutor macio (feito de material menos denso que o vidro, como, por exemplo, madeira, osso ou cerâmica). Ao se analisar a morfologia dos negativos de retiradas (uma série de 2 e outra de 4) se percebe claramente que os contra-bulbos são menos profundos que no caso anterior, indicativo de impacto de menor força e da absorção mais uniforme pela matéria-prima (vidro). Nesses casos o talão das lascas não se estilhaça e apresenta, ainda, um pequeno lábio entre sua superfície e a face ventral da lasca. A série de 2 negativos nesse núcleo produziu lascas que poderiam ser imediatamente utilizadas como objetos cortantes (mesmo tipo de produto fabricado no núcleo da peça anterior). Já a série de 4, por suas dimensões muito menores, pode indicar a fabricação seriada de estilhas, que utilizadas em conjunto e sobre algum tipo de suporte, comporiam uma ferramenta mais elaborada. Assim, em termos de variabilidade artefactual nessa indústria, já se identifica a produção de um segundo tipo de item). Nos dois núcleos dessa peça o plano de debitação aproveitado foi a face externa da garrafa.

Os instrumentos PQT – 1934 e PQT – 2046 (Figuras 6 e 7) não são "retalhos" de produção e sim ferramentas fabricadas propositalmente por seres humanos seguindo uma cadeia técnica complexa cujos objetivos incluíam dispor de um objeto que tornasse alguma tarefa possível ou pelo menos mais simples.

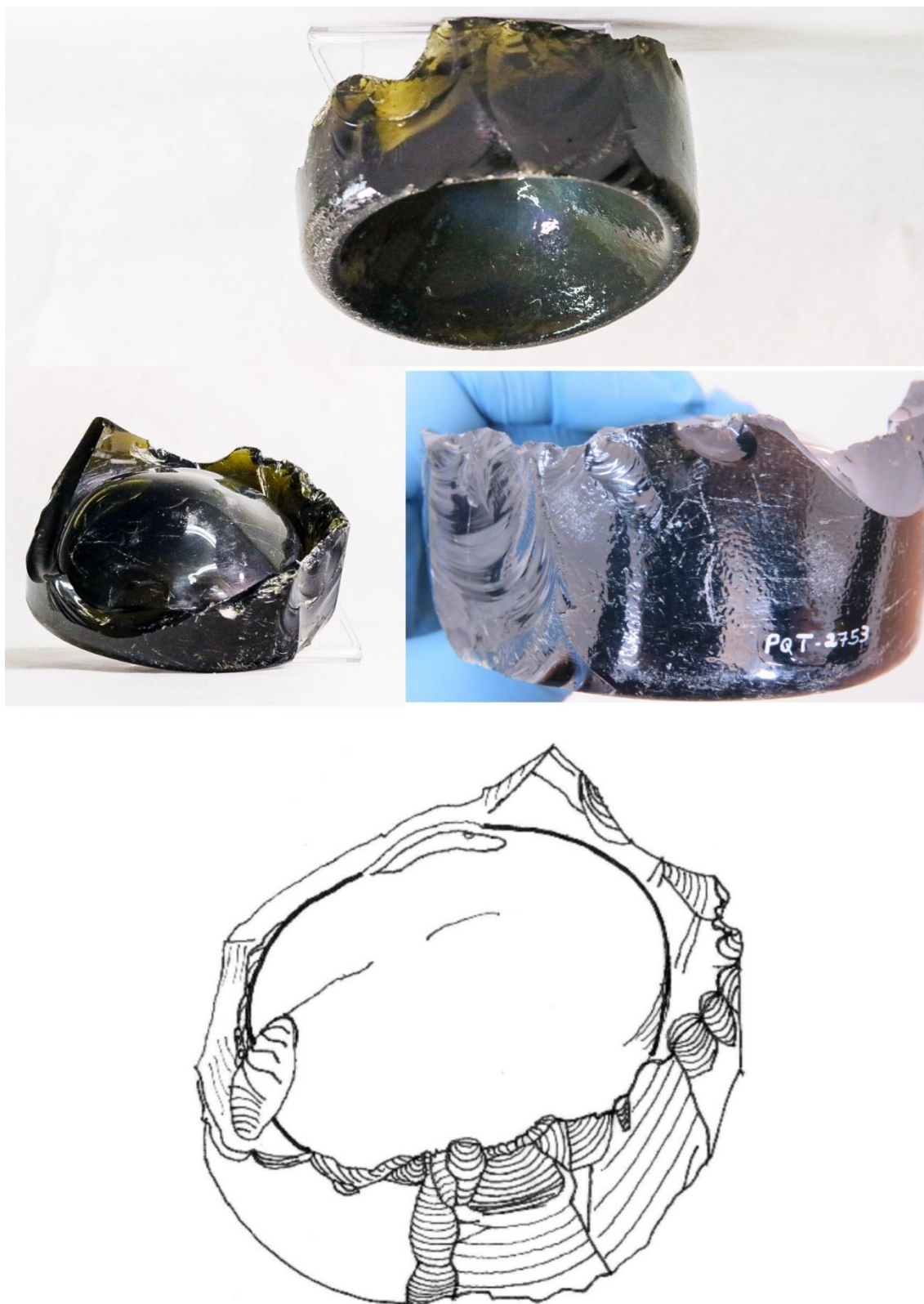


Figura 5. Peça PQT-2753, e o detalhamento das feições em desenho técnico. Fonte: Pedro Vinuto e A Lasca (2024), desenho de Caroline Rutz.

A peça PQT - 1934 foi concebida a partir de um suporte de vidro incolor, razoavelmente plano, com comprimento de quase 15 cm e que consistia, anteriormente, em parte de uma telha. A obtenção do suporte

pode ser presumida como a sua localização e seleção no terreno em que foi encontrado, o que se aplica a todos os suportes dessa análise. Assim como no caso das ferramentas produzidas por lascamento de pedra, em que o córtex alisado por arraste fluvial torna os seixos de rio suportes muito almejados, nesse caso o fator crucial na seleção do suporte parece ter sido o abalroamento dos bordos desse fragmento de vidro. Por serem seguros para segurar a peça sem cortar as mãos, esses bordos brandos trazem pronto no suporte uma das partes mais importantes do instrumento, que é a UTF Preensiva. A partir de então, foi apenas uma questão de escolher a porção oposta do suporte para fabricar um gume, ou UTF Transformativa. Através de retoques diretos e escalariformes no plano da quebra foi criado um gume de delineamento côncavo e inclinação abrupta, conjunto que sugere a funcionalidade como raspador - e por ser côncavo, permite inferir que os materiais a serem raspados poderiam ser ossos, galhos e outros de morfologia cilíndrica. Quanto à UTF Transmissora, geralmente a menos lembrada nas análises, nesse caso ela se destaca porque apresenta volume. O suporte poderia ter sido reduzido, no mínimo, ao meio, ainda preservando um lado "fácil de segurar" e o outro lado passível de fornecer um gume. Se foi mantido o tamanho avantajado da peça, trata-se de uma escolha intencional que revela conhecimento técnico e também dá indícios do tipo de utilização, sabendo-se, através da física, que a raspagem é uma atividade de atrito repetitivo e prolongado e que quanto maior o suporte utilizado, menor o esforço para repetir o movimento. O peso da peça também aumenta conforme o tamanho do suporte e, assim, sendo a ferramenta já pesada, quem a utilizou poderia aplicar menos força e mesmo assim obter bons resultados.

A peça PQT – 2046 tem como suporte um fragmento de corpo cilíndrico de vidro verde oliva cuja natureza da quebra (anterior à seleção do suporte) criou um bordo brando utilizado como UTF Preensiva. No bordo lateral do suporte, através de ao menos 7 retoques diretos cujos negativos estão no perfil da quebra, foi criada uma UTF Transformativa na forma de um gume convexo, serrilhado e inclinação aguda. Além da aptidão funcional presumível pela UTF Transformativa, microfraturas de uso visíveis com lupa simples (3x) indicam sua utilização para cortes finos. Em termos leigos, seria utilizada para as mesmas funções de uma faca de pão. Já com relação à UTF Transmissora, ou seja, o corpo da ferramenta, são observados procedimentos técnicos comuns ao lascamento de líticos, como a abrasão de extremidades afiadas que garante maior segurança no uso. Essa abrasão é visível no bordo oposto à parte preensiva.

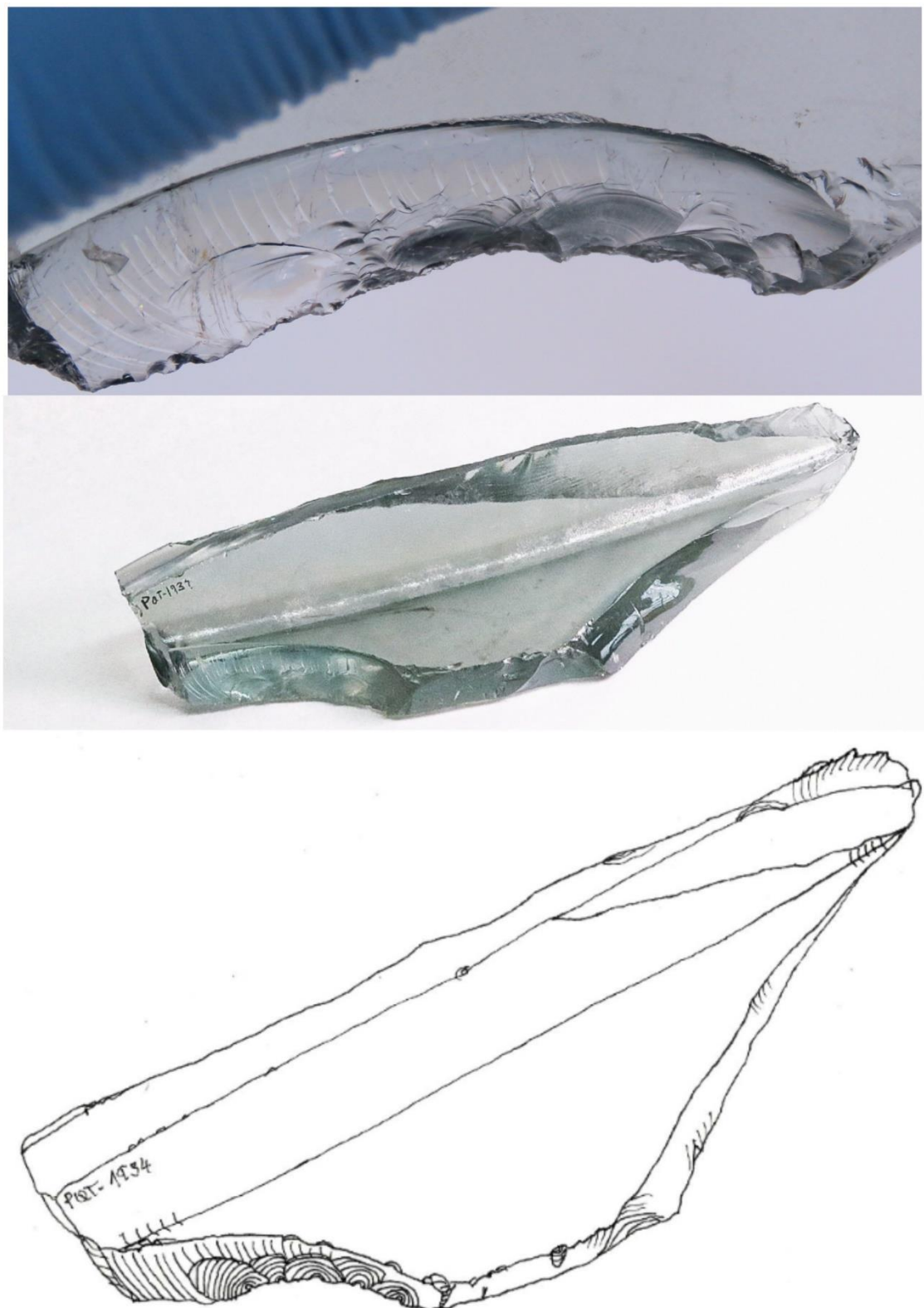


Figura 6. Peça PQT-1934, e o detalhamento das feições em desenho técnico. Fonte: Pedro Vinuto e A Lasca (2024), desenho de Caroline Rutz.

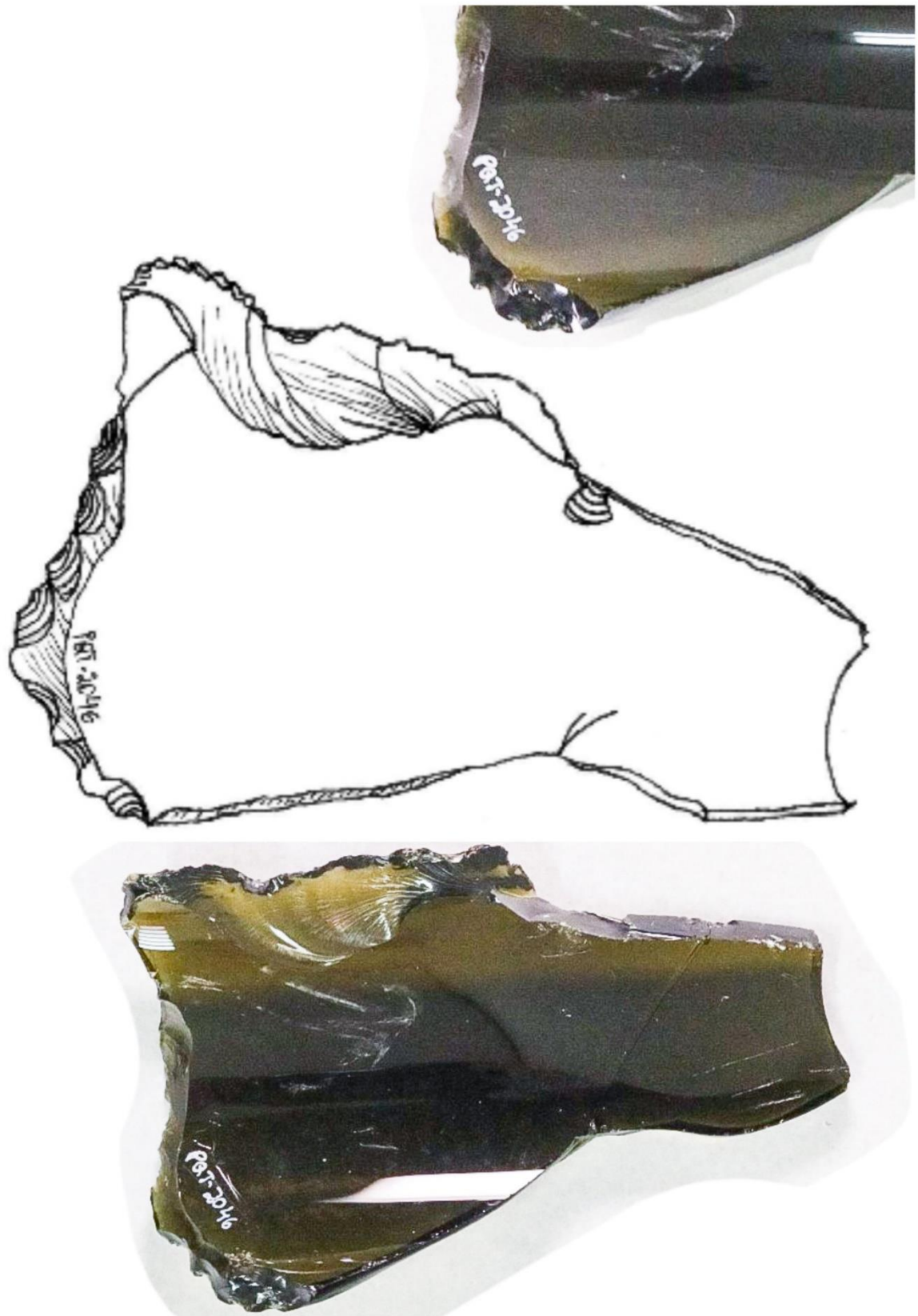


Figura 7. Peça PQT-2046, e o detalhamento das feições em desenho técnico. Fonte: Pedro Vinuto e A Lasca (2024), desenho de Caroline Rutz.

A peça PQT – 3002 (Figura 8), por sua vez, constitui um artefato singular: trata-se de uma garrafa cortada com a própria tampa inserida em seu interior. A precisão do encaixe, aliada à ausência de fuligem ou sinais térmicos, sugere que não se trata de uma lamparina improvisada, mas sim de um gesto simbólico. Essa configuração se aproxima das descrições etnoarqueológicas de "garrafas de conjuro" ou "bottle trees", utilizadas em práticas espirituais afro-diaspóricas como instrumentos de contenção ou canalização de energias (Agostini, 2013a, Wilkie, 1996,1997; Thompson, 1984 apud Gordenstein, 2016).



Figura 8. Peça PQT-3002, colocadas separadas e depois juntas, em um encaixe perfeito que não permite que pressão externa empurre a “tampa” para o interior da garrafa. Fonte: A Lasca (2024).

O uso de fragmentos de vidro lascado como substituto de ferramentas metálicas cortantes por populações negras escravizadas e posteriormente libertas tem sido interpretado, na literatura arqueológica e histórica, como uma estratégia deliberada de resistência cotidiana. Conforme argumenta Reis (1992), o rígido controle exercido pelos senhores sobre objetos perfurocortantes, como facas, lâminas e demais utensílios de corte, configurava-se como mecanismo fundamental de vigilância e coerção, impedindo que indivíduos escravizados tivessem acesso a instrumentos potencialmente associados à insubordinação. Essa proibição formal criou uma demanda significativa por soluções alternativas, levando à adoção de materiais facilmente disponíveis no ambiente das senzalas, entre eles o vidro, proveniente principalmente de garrafas descartadas. Essa lógica se confirma em diversos contextos arqueológicos, nos quais o reaproveitamento de vidro aparece como resposta técnica à privação material e como afirmada demonstração de engenhosidade (Costa, 2023).

Costa (2023), ao analisar o Engenho do Murutucu, demonstra que a produção de instrumentos vítreos, como pontas, raspadores e lâminas, não se restringia a atos improvisados, mas constituía um conjunto de práticas sistemáticas, baseadas em domínio técnico e seleção de matérias-primas. Esse processo material revela tanto o conhecimento tecnológico dos cativos quanto a sua agência em reinterpretar elementos adversos impostos pelo sistema escravista. Além disso, evidencia como esse repertório técnico possibilitava a execução de tarefas cotidianas essenciais, como preparo de alimentos, cuidados corporais e manufatura de outros objetos, garantindo maior autonomia em um ambiente de forte restrição (Costa, 2023; Souza, 2013).

Essas práticas possuem amplos paralelos na diáspora africana, reforçando a ideia de que o lascamento de vidro se configura como resposta adaptativa recorrente em contextos de opressão. Ahlman *et al.* (2014), no Caribe, documentaram fragmentos de vidro lascado utilizados como ferramentas em residências de escravizados, indicando tanto seu valor funcional quanto sua recorrência em contextos de privação semelhante. Nos Estados Unidos, Porter (2015) identificou conjuntos similares em assentamentos coloniais relacionados à população escravizada, corroborando a ideia de que o reaproveitamento vítreo constituía solução tecnológica amplamente disseminada. Essa convergência sugere que o lascamento de vidro não deve ser compreendido como prática isolada ou meramente circunstancial, mas como parte de um repertório técnico criativo e de adaptação que se manifestava de acordo com as necessidades locais e às restrições impostas pelo escravismo.

Em consonância, Souza (2013, p. 25) aborda o conceito de “tecnologias expedientes”, inspirado em Binford (1979), para caracterizar soluções materiais rápidas, eficientes e voltadas para responder a demandas imediatas da vida cotidiana. Tais tecnologias, embora aparentemente simples, exigiam conhecimento prévio, seleção adequada de recursos e transmissão de saberes entre membros do grupo. Nas senzalas do Engenho de São Joaquim, Souza (2011) identificou quarenta e nove instrumentos vítreos produzidos a partir de diferentes partes de garrafas de vinho, sendo a maioria raspadores, mas incluindo também peças com pontas capazes de cortar ou perfurar. Esses artefatos evidenciam uma padronização que contradiz a ideia de improviso desestruturado: para que o lascamento ocorresse, era necessário acumular fragmentos de vidro, estabelecer áreas adequadas para sua produção (frequentemente próximas a fogueiras) e manter mecanismos de perpetuação do conhecimento técnico entre os corresidentes. Assim, o uso de vidro reciclado deve ser compreendido dentro de sistemas organizados de saberes práticos, socialmente compartilhados e culturalmente orientados, e não apenas como ações de improviso (Souza, 2013).

O argumento de Ruiz (2018) complementa essa perspectiva ao defender a pertinência da aplicação metodológica da análise lítica aos artefatos vítreos encontrados em sítios arqueológicos coloniais. Embora o vidro possua origem distinta das matérias-primas líticas tradicionais, suas propriedades físicas — como

clivagem concooidal e capacidade de gerar gumes cortantes — permitem técnicas análogas às utilizadas em rochas siliciosas. Ruiz sugere que tais práticas podem ter raízes em tradições líticas africanas, reinterpretadas e adaptadas ao contexto das Américas, hipótese reforçada pelo depoimento de Wole Soyinka, citado em Souza (2013), que associa a criatividade material observada entre escravizados a conhecimentos tradicionais do oeste africano e ao princípio de improvisação culturalmente estruturada. Essa leitura afasta a noção eurocêntrica de “pobreza material” geralmente associada ao cativo, revelando um universo tecnológico dinâmico e carregado de agência.

Agostini (2013b) amplia essa reflexão ao demonstrar que, em uma senzala do Brasil central, o acúmulo de lixo, que incluiria cacos de garrafas, não simbolizava necessariamente sujeira ou desordem, mas sim uma reserva estratégica de matérias-primas destinadas ao cotidiano. O descarte doméstico, a partir dessa perspectiva, não deve ser interpretado segundo valores higienistas modernos, mas como parte constituinte da organização material das populações escravizadas, para as quais fragmentos de vidro representavam recursos acessíveis e indispensáveis. Essa percepção se articula com observações de Gomes e Symanski (2022), que analisaram fogueiras afro-diaspóricas no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil e identificaram objetos vítreos que funcionavam como facas, colheres e raspadores de tutano, além de instrumentos associados a práticas rituais e ao acendimento de cachimbos. Segundo os autores, a reciclagem de vidros constitui manifestação da criatividade afro-diaspórica no enfrentamento dos desafios cotidianos, materializando não apenas soluções práticas, mas também dimensões simbólicas e ancestrais.

É relevante também mencionar a monografia de Santos (2024); ao examinar a Terra Indígena Tupinambá de Belmonte, demonstra que a ressignificação do vidro transcende ambientes afro-diaspóricos. Para populações indígenas, o reaproveitamento de garrafas não implicava assimilação cultural, mas expressava continuidade de conhecimentos tradicionais articulados a novas matérias-primas introduzidas pelo colonialismo. Nos sítios analisados pelo autor, fragmentos vítreos lascados e garrafas quebradas aparecem como vestígios de práticas que combinavam técnicas ancestrais com elementos coloniais, reforçando que a criatividade material constitui estratégia comum de povos subalternizados para negociar, resistir e reinterpretar pressões externas.

Assim, a literatura converge no reconhecimento de que a reciclagem e o lascamento de vidro representam práticas tecnológicas sofisticadas, ancoradas em conhecimentos transgeracionais, e constituem formas resilientes de enfrentamento às limitações impostas pela escravidão e pelo colonialismo. O vidro, longe de ser mera alternativa improvisada, converteu-se em recurso estratégico para a construção de autonomia cotidiana, manutenção de práticas culturais e expressão de agência em contextos de profunda desigualdade.

Sendo assim, o sítio arqueológico Paquetá, localizado em uma antiga área de descarte da elite santista, oferecia condições propícias ao reaproveitamento de materiais. Fragmentos possivelmente descartados pelas camadas dominantes podem ter sido recolhidos, retrabalhados e reutilizados por sujeitos subalternos, entre eles ex-escravizados e quilombolas, cuja presença na cidade de Santos no final do século XIX e início do XX é amplamente documentada (Ramos, 2021; Gitahy, 1992; Ferreira, 2021). O reaproveitamento de descartes elitistas adquire, nesse contexto, contornos de resistência, apropriação e sobrevivência.

A baixa frequência de artefatos lascados pode estar relacionada à própria natureza dessas práticas: restritas, móveis e por vezes clandestinas. Também é possível que os objetos fossem retirados do local após sua produção, ou que tenham sido descartados em contextos arqueologicamente inacessíveis. A variabilidade morfológica e técnica sugere a ação de diferentes sujeitos, com níveis distintos de domínio sobre o material.

Mais do que objetos utilitários, os fragmentos lascados do sítio Paquetá representam inscrições materiais de experiências sociais que foram sistematicamente silenciadas pela historiografia tradicional. Ao lado de porcelanas britânicas, frascos franceses e cosméticos europeus, esses cacos afiados tensionam a narrativa do progresso urbano e revelam fissuras na construção da memória oficial. Sua presença convoca a arqueologia a operar como ferramenta crítica, sensível às formas de vida subalternas que habitam as camadas ocultas da cidade.

Ao discutir esse tipo de materialidade, torna-se imprescindível recorrer ao arcabouço da Arqueologia da Diáspora Africana (Symanski, 2005). A arqueologia como ciência social não pode se furtar à reflexão sobre as formas pelas quais o passado é narrado e sobre quem está incluído (ou excluído) dessas narrativas. Como reforça Ferreira (2021), a modernização urbana e a história oficial santista se construíram sobre o silenciamento da presença negra, mesmo tendo esta sido fundamental para o funcionamento do porto, da cidade e de suas estruturas econômicas.

A arqueologia urbana tem se consolidado como um campo fundamental para o estudo de dinâmicas históricas em contextos de ocupação intensa e transformada. Segundo Funari (2014), esse ramo da arqueologia permite acessar vestígios de usos cotidianos, trajetórias individuais e coletivas obliteradas pela urbanização acelerada.

Esses vestígios, muitas vezes tidos como resíduo ordinário, carregam significados profundos sobre as relações sociais, os modos de produção e as tensões vividas nos espaços urbanos. A arqueologia urbana contribui para o mapeamento da memória social de grupos historicamente invisibilizados, recuperando experiências de vida que escapam à documentação escrita e aos discursos oficiais.

A análise de materialidades modestas, como restos de cerâmica, louça comum, vidro lascado e estruturas construtivas reaproveitadas, permite identificar padrões de consumo, práticas de reutilização e estratégias de sobrevivência. Esse enfoque desafia a centralidade da elite nos estudos históricos urbanos, propondo um deslocamento analítico em direção às práticas das camadas populares e suas formas de agência.

No contexto do sítio Paquetá, a coexistência de materialidades associadas à elite e de fragmentos indicativos de práticas subalternas aponta para a complexidade dos processos urbanos. A escavação de um terreno que, por décadas, funcionou como espaço de descarte, revela camadas de presença social em conflito, sobreposição e adaptação. Ao tratar desses vestígios, a arqueologia urbana promove uma leitura multifacetada do território e de sua história, articulando a produção de conhecimento com o compromisso ético e político de valorização das vozes silenciadas.

Neste sentido, os fragmentos lascados do sítio Paquetá são vestígios que escapam da narrativa material elitista para anunciar outras formas de vida e resistência. Sua análise propõe um deslocamento no olhar arqueológico, sugerindo que não apenas o que é frequente ou belo merece interpretação, mas sobretudo aquilo que emerge como ruído, sobra, imprevisto e urgência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos vidros lascados do sítio arqueológico Paquetá permitiu ampliar significativamente a interpretação sobre as dinâmicas sociais no bairro do Paquetá entre o final do século XIX e início do século XX. Embora numericamente pouco expressivos, esses fragmentos revelam práticas sociais alternativas que

coexistiam com os modos de vida das elites santistas, cujos vestígios de consumo eram majoritariamente constituídos por bens importados e industrializados.

A hipótese aqui sustentada é de que tais objetos foram retrabalhados por populações negras e subalternizadas, atuantes na cidade de Santos no período imediatamente posterior à abolição (ou nos seus últimos anos em voga). A materialidade desses instrumentos remete a um campo de ações cotidianas, econômicas e simbólicas, muitas vezes à margem dos registros oficiais. A análise foi possível graças à articulação entre dados estratigráficos, abordagens metodológicas derivadas da análise lítica, e referenciais teóricos atentos à arqueologia da resistência.

A proposta deste artigo foi, portanto, mais do que documentar um tipo específico de artefato: chamar atenção para a necessidade de uma arqueologia comprometida com a pluralidade dos sujeitos históricos e com os modos de vida não hegemônicos. Fragmentos lascados são testemunhas do trabalho invisível, da adaptação e da agência silenciosa que compuseram a tessitura urbana de Santos. Eles nos convocam a escavar, também, as camadas do esquecimento.

Este estudo buscou reforçar a importância da arqueologia urbana como ferramenta para desvelar histórias ocultas das cidades. A arqueologia em contextos urbanos tem o potencial de revelar não apenas os grandes processos históricos, mas também as micro-histórias que compõem o tecido social complexo das cidades. O sítio Paquetá, com sua dualidade entre materialidade elitista e vestígios subalternos, exemplifica esta complexidade e convida a novas investigações sobre as múltiplas camadas que constituem a história urbana brasileira.

Assim, concluímos este estudo reiterando a importância de que os programas de arqueologia preventiva e urbana não apenas preservem o patrimônio material, mas também contribuam para a reconstrução crítica da história urbana brasileira, reconhecendo que os rastros da resistência, por menores que sejam, possuem relevância histórica e valor interpretativo inestimável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de forma especial, a toda a equipe da A Lasca Arqueologia, pela infraestrutura disponibilizada, pelo suporte técnico e laboratorial e pela condução exemplar do projeto que tornou essa pesquisa possível. Estendo meus agradecimentos à equipe do Museu Elisabeth Aytai, instituição responsável pela guarda dos bens móveis do sítio Paquetá, pelo apoio e acesso ao acervo fotográfico. Por fim, agradeço aos pareceristas pelas valiosas sugestões e observações, que certamente contribuíram para o enriquecimento deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Agostini, C. (2013a). *À sombra da clandestinidade: práticas religiosas e encontro cultural no tempo do tráfico ilegal de escravos. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 7(1), 77-105.
- Agostini, C. (2013b). Estrutura e liminaridade na paisagem cafeeira do século XIX. Em Agostini, C. (org.). *Objetos da escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado* (pp. 59-81). Rio de Janeiro: 7letras.
- Ahlman, T., Braly, B., & Schroedl, G. (2014). Stone artifacts and glass tools from enslaved African contexts on St. Kitts' Southeast Peninsula. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 3, 1-25.

- A Lasca (2023). *Programa de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial do Empreendimento Habitacional de Interesse Social Santos "T": Relatório Parcial II*. São Paulo.
- A Lasca (2024). *Programa de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial do Empreendimento Habitacional de Interesse Social Santos "T": Relatório Final*. São Paulo.
- Balfet, H. (org.) (1991). *Observer l'action technique: des chaînes opératoires, pour quoi faire?* Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- Banks, K. M., & Czaplicki, J. S. (2016). *Dam projects and the growth of American Archaeology: the river Basin surveys and the Interagency Archaeological Salvage Program*. New York: Routledge.
- Binford, L. R. (1979). Organization and Formation Processes: Looking at Curated Technologies. *Journal of Anthropological Research*, 35, 255-273.
- Boëda, E. (2000). Les techniques des hommes de la préhistoire pour interroger le présent. *Septième École d'été de l'ARCo*. Bonas: UMR CNRS.
- Boëda, E. (2001). Détermination des Unités Techno-Fonctionnelles de pièces bifaciales provenant de la couche acheuléenne C'3 base du site de. Actes de la table ronde internationale organisée à Caen, 1999, Liege. *Les industries à outils bifaciaux du Paléolithique moyen d'Europe occidentale* (pp. 51-75). Liege: ERAUL.
- Bonduki, N. (1998). *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Bordes, F. (1961). *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*. Mémoire 1. Bordeaux: Instituto de Pré-história da Universidade de Bordeaux.
- Carver, M. (2009). *Archaeological investigation*. New York: Routledge.
- Costa, D. M (2023). Intercâmbio cultural na Amazônia Colonial: possível ou provável convivência entre indígenas e africanos nas senzalas do Engenho do Murutucu. *Cadernos do Lepaarq*, XX(40), 277-304.
- Eskinazi, B. G. (2018). *Condomínio vanguarda: luta e resistência no centro de Santos-SP*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.
- Ferreira, M. A. (2021). Memórias apagadas da terra da liberdade: invisibilização da presença negra em Santos/SP. Em Costa, P. R., & Nogueira, L. P. (orgs.). *Territórios e trajetórias da população negra no Brasil* (pp. 207-228). São Paulo: Alameda. Disponível em: <<https://mapamnt.procomum.org/cidade-da-caridade-e-liberdade-para-quem/>>. [cons. 24 nov. 2025].
- Funari, P. P. (2014). Arqueologia urbana: trajetória e perspectivas. *Revista do Arquivo Municipal*, 205, 137-154.
- Garmy, P. (1999). France. Em *Report on the situation of urban archaeology in Europe*. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
- Gitahy, M. L. C. (1992). *Ventos do Mar – Trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gomes, L.E., & Symanski, L. (2022). Fogueiras afro-diaspóricas no Sudeste e Centro-oeste do Brasil: cotidiano, ancestralidade e ritual. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 16(1), 122-149.
- Gordenstein, S. (2016). Formas profanas, conteúdos divinos: a história de garrafas oitocentistas de um porão em Salvador da Bahia. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 10(2), 103-131.
- Gould, R. A. (2013). Disaster. Em Graves-Brown, P., Harrison, R., & Piccini, A. (ed.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World* (pp. 364-378). Oxford: Oxford University Press.
- Juliani, L. de J. C. O. (1996). *Gestão arqueológica em metrópoles: uma proposta para São Paulo*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

- Kivett, M. F., & Metcalf, G. S. (1997). The prehistoric people of the Medicine Creek Reservoir, Frontier County, Nebraska: An experiment in mechanized archeology (1946-1948). *Plains Anthropologist*, 42, 1-218.
- Lanna, A. L. D. (1996). *Uma cidade na transição: Santos, 1870-1913*. São Paulo/Santos: Hucitec.
- Lemonnier, P. (org.) (1991). Observer l'action technique. *Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* Paris: Éditions du CNRS.
- Leroi-Gourhan, A. (1990). *O gesto e a palavra*, vol. 1. Técnica e linguagem. Coimbra: Edições 70.
- Lima, T. A. (org.) (2020). *Arqueologia urbana: estudo de uma vizinhança no Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mauss, M. (1974). *Manual de etnografia*. Petrópolis: Vozes.
- Mayne, A., & Murray, T. (eds.) (2001). *The archaeology of urban landscapes: explorations in slumland*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pedro, C. M. F. (2010). *Casas importadoras de Santos e seus agentes: comércio e cultura material (1870-1900)*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.
- Porter, C. A. (2015). Identification and analysis of utilized glass in Early Colonial contexts: a case study from 17th-Century Rhode Island. *Technical Briefs in Historical Archaeology*, 9, 1-15.
- Ramos, S. R. P. (2021). *Crianças Negras na Terra da Caridade e da Liberdade: um estudo sobre a inclusão de libertos nas escolas da cidade de Santos – do pós-abolição a 1960*. Dissertação (Doutorado). Universidade Católica de Santos, Santos.
- Reis, J. J. (1992). Recôncavo rebelde: revoltas escravas nos engenhos baianos. *Afro-Ásia*, 15, 100-126.
- Ruiz, L. J. Z. (2018). *Criatividade e resistência cotidiana: os vidros lascados e reutilizados pelos escravizados da Charqueada São João da Cidade de Pelotas, RS, Brasil*. Dissertação (Bacharelado). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- Salwen, B. (1982). Foreword. Em Dickens Jr., R. S. (org.). *Archeology of urban america: the search for pattern and process* (pp. 13-17). New York: Academic Press.
- Santos, A. R. (2008). *O centro de Santos: intervenções, legislação e projetos*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo.
- Santos, L. C. (2024). *Arqueologia do passado recente na Terra Indígena Tupinambá de Belmonte, extremo-sul da Bahia: memórias, lugares e pessoas*. Dissertação (Bacharelado). Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Arqueologia, Laranjeiras.
- Schiffer, M. B. (1975). Archaeology as Behavioral Science. *American Anthropologist*, 77(4), 836-848.
- Souza, R. A. (2010). *Louça branca para a Paulicéia: arqueologia histórica da fábrica de louças Santa Catharina/IRFM – São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913-1937)*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.
- Souza, M. A. T. (2011). *A vida escrava portas adentro: uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX*. *Maracanan*, 7, 83-109.
- Souza, M. A. T. (2013). *Por uma arqueologia da criatividade: estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil*. Em Agostini, C. (org.). *Objetos da escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado* (pp. 11-36). Rio de Janeiro: 7letras.
- Staski, E. (1982). Advances in urban archaeology. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 5, 97-149.
- Staski, E. (ed.) (1987). *Living in cities: current research in urban archaeology*. Special Publication Series 5. [S.l.]: Society of Historical Archaeology.

- Symanski, L. C. P. (2005). *Arqueologia da diáspora africana no Brasil*. São Paulo: Annablume.
- Symanski, L. C. P., & Gomes, F. (2012). Arqueologia da escravidão em fazendas jesuíticas: primeiras notícias da pesquisa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 19(1), 309-317.
- Temíño, I. R. (2004). *Arqueología urbana en España*. Barcelona: Ariel.
- Tessaro, P. (2022). Arqueologia com a cidade: um movimento através da arqueologia no contexto urbano de São Paulo – SP. *Revista Arqueologia Pública*, 17(00), e022009.
- Thompson, R. F. (1984). *Flash of the spirit: African & Afro-American art & philosophy*. New York: Random House.
- Tixier, J., Inizan, M. L., & Roche, H. (1980). *Préhistoire de la pierre taillée. I. Terminologie et technologie*. Paris: Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques.
- Villaça, F. (1998). *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel.
- Wall, D. D. (1994). *The archaeology of gender: separating the spheres in urban America*. New York: Springer.
- Wilkie, L. (1996). Glass-knapping at a Louisiana plantation: African-American tools? *Historical Archaeology*, 30(4), 37-49.
- Wilkie, L. (1997). Secret and sacred: contextualizing the artifacts of African-American magic and religion. *Historical Archaeology*, 31(4), 81-106.

